

[ENTRADAS SEM DATA]

[...]* esforço artístico neste domínio, ao invés de pensar em Ti e de me sentir inspirada pelo amor que tanto desejaria sentir.

Meu bom Deus, não consigo amar-Te como pretendo. És o crescente esguio de uma Lua que avisto, e o meu eu é a sombra da Terra que me impede de ver a Lua inteira. O crescente é muito belo, e talvez uma pessoa como eu não deva ou não possa ver mais; mas o que eu receio, meu bom Deus, é que a sombra do meu eu se torne tão grande que obscureça a Lua inteira, e que eu julgue a minha própria valia pela sombra, que nada é.

Não Te conheço, meu Deus, porque eu própria Te encubro. Por favor, ajuda-me a arredar-me do caminho.

Desejo muito triunfar no mundo com as coisas que pretendo levar a cabo. Dirigi-Te preces a este respeito, esforçando a mente e os nervos, mergulhei num estado de tensão nervosa e disse «oh, meu Deus, por favor» e «tenho de conseguir» e «por favor, por favor». Não Te dirigi os meus pedidos da maneira certa, sinto-o. Doravante, deixa-me pedir-Te com resignação — o que não é nem pretende ser um afrouxar das orações, antes um orar menos febril —, com a consciência de que este frenesi é causado por uma ânsia daquilo que desejo, em lugar de uma confiança espiritual. Não pretendo fazer conjecturas. Quero amar.

Oh, meu Deus, por favor, desanuvia a minha mente.

* Aparentemente, as primeiras páginas do diário perderam-se.

Por favor, purifica-a.

Peço-Te um amor mais puro pela minha santa Mãe e a ela peço um amor mais puro por Ti.

Por favor, ajuda-me a entrar no mais fundo das coisas e a descobrir onde Tu estás.

Não pretendo renegar as orações tradicionais que rezei ao longo de toda a minha vida; mas tenho estado a rezá-las sem as sentir. A minha atenção é sempre muito fugidia. Assim, tenho-a a cada instante. Sinto uma onda calorosa de amor a aquecer-me quando penso nisto e quando escrevo estas palavras para Ti. Por favor, não deixes que as explicações dos psicólogos a este respeito arrefejам de súbito estes meus sentimentos. O meu intelecto é tão limitado, Senhor, que só me resta confiar em Ti para me conservares na senda correta.

Por favor, ajuda todos aqueles que amo a libertarem-se dos seus padecimentos. Perdoa-me, por favor.

Meu bom Deus, fico abismada ante a porção de coisas pelas quais devo sentir gratidão, em termos materiais; e, em termos espirituais, tenho a oportunidade de ser ainda mais feliz. Porém, parece-me evidente que não estou a traduzir esta oportunidade em factos palpáveis. Tu dizes, meu bom Deus, para pedirmos a graça, pois nos será dada. Eu peço-a. Compreendo que não me basta pedi-la, que tenho de agir como quem a deseja. «Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor, mas sim aqueles que fazem a vontade de Meu Pai.» Por favor, ajuda-me a conhecer a vontade do meu Pai — não quero um nervosismo escrupuloso, nem sequer conjecturas negligentes, antes um conhecimento lúcido, sensato; e, depois disto, dá-me uma vontade forte, para ser capaz de a vergar à vontade do Pai.

Por favor, deixa que os princípios cristãos impregnem a minha escrita, e, por favor, faz que haja textos suficientes da minha lavra (dados à estampa) para que os princípios cristãos os possam impregnar. Temo, oh, Senhor, perder a minha fé. A minha mente não é forte. Deixa-se seduzir por todo o género de charlatanice intelectual. Não quero que seja o medo a fazer-me ir à igreja. Não quero agir como uma cobarde, ficando junto de Ti só porque tenho medo do Inferno. Devia pensar que, se temo o Inferno, então poderei estar certa da existência do seu autor. Os eruditos, porém, conseguem dissecar em meu benefício os motivos que me levam a temer o Inferno, e daí extraem a conclusão de que o Inferno não

existe. Mas eu acredito no Inferno. Para a minha fraca mente, o Inferno parece muito mais exequível do que o Céu. Sem dúvida porque o Inferno é uma coisa de aparência mais terrena. Consigo imaginar os tormentos dos danados, mas não consigo imaginar as almas desencarnadas suspensas num cristal para toda a eternidade, a entoar louvores a Deus. É natural que eu não consiga imaginar isto. Se conseguíssemos cartografar o Céu com rigor, alguns dos nossos cientistas promissores começariam logo a traçar planos para o aperfeiçoar, e os burgueses venderiam roteiros, a dez cêntimos cada exemplar, a todas as pessoas acima dos sessenta e cinco anos. Mas não pretendo ser espirituosa, embora, pensando melhor, pretenda mesmo ser espirituosa e goste de ser espirituosa e queira que me considerem tal. Mas o que mais importa aqui é que não quero ter medo da exclusão, quero amar a pertença; não quero acreditar no Inferno, mas sim no Céu. Afirmar isto não me traz benefício algum. O que importa é o dom da graça. Ajuda-me a sentir que irei renunciar a tudo o que é terreno para a alcançar. Não me refiro a tornar-me freira.

Meu bom Deus, somos tão estúpidos até Tu nos dares qualquer coisa. Mesmo ao orarmos, és Tu que tens de orar em nós. Gostava de escrever uma prece bonita, mas falta-me a matéria-prima. Há em volta de mim um vasto mundo sensível que eu deveria ser capaz de usar como instrumento em Teu louvor; mas não consigo. Todavia, num qualquer momento insípido em que eu talvez esteja a pensar em cera para o soalho ou em ovos de pombo, as primeiras palavras de uma prece bonita poderão emergir-me do subconsciente, levando-me a escrever um texto inflamado. Não sou filósofa, caso contrário conseguiria entender estas coisas.

Se eu me conhecesse plenamente, meu bom Deus, se conseguisse descobrir em mim própria todos os traços pedantes e ego-cêntricos, falhos de sinceridade, o que seria eu, afinal? Mas que faria eu em relação a estes sentimentos que ora são medo, ora alegria, que se encontram demasiado fundo para que o meu entendimento os alcance? Tenho medo das mãos insidiosas, oh, Senhor, que buscam às apalpadelas nas trevas da minha alma. Por favor, sê a minha sentinela contra elas. Por favor, sê a barreira no alto do desfiladeiro. Será que conservo a minha fé somente por preguiça, meu bom Deus? Esta, porém, é uma ideia que agradaria a alguém racional até à medula.